

**NUNO CARINHAS**, ENCENADOR DE *VIAGEM DE INVERNO*

## “Ir ao teatro não é a mesma coisa que ir à praia”

**N**uno Carinhas descobriu o texto de *Viagem de Inverno* por via de Teresa Gafeira, que lhe propôs que o lesse na perspectiva de poder vir a encená-lo para a Companhia de Teatro de Almada. O encenador entusiasmou-se – e entusiasmou-se também pela incerteza sobre como poderia encená-lo, e ‘dramaturgizá-lo’, “porque era impossível fazê-lo na íntegra com um elenco pequeno. Dada a extensão de texto seria um espectáculo muito longo, essa é uma das características das peças de Jelinek, mas entusiasmou-me muito o desafio – é raro depararmo-nos com novos textos que nos desafiam de uma forma tão veemente. E o facto de ser a autora que é, com a obra que tem, com as questões que interessam a sua literatura, foi realmente desafiador para mim.”

E foi também desafiador para as actrizes, segundo nos contou



*Viagem de Inverno* está em cena no Centro Cultural de Belém até terça-feira

Nuno Carinhas, pois pressupunha uma grande entrega, trabalhando na possibilidade de uma ininterrupta “manutenção do texto junto dos espectadores”, isto é, na proximidade destes – primeiro na Sala Experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite, onde o espectáculo es-

treou em Janeiro passado, e agora no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, salas que favorecem a partilha da proximidade e a experiência do tempo real teatral. “Tentei preservar a identidade própria e individual de cada actriz. Cada uma no seu registo, cada uma

com o seu *savoir-faire*, cada uma com a sua maneira de defender cada um dos diferentes textos que compõem este texto para teatro. Falamos de três actrizes com caracteres muito fortes e diferenciados. Deixei-as respirar, cada uma a seu modo. Não as circunscrevi a uma partitura geral e única.”

Relativamente ao Festival de Almada, Carinhas congratulou-se que possa ter sido possível realizá-lo. “Ir ao teatro não é a mesma coisa que ir à praia. As artes servem sempre para equilibrar alguma coisa que está mal. Quando houve a grande crise da *troika*, em que as artes foram completamente descuidadas, foi muito mau, e deixou sequelas.” Por outro lado, a presença maioritária de produções portuguesas nesta edição, “pode servir para fazer uma boa aferição do que as companhias portuguesas estão a fazer.” **S.A.**

## Rui Mendes homenageado hoje no Teatro Municipal Joaquim Benite

**P**elas 21h00, imediatamente antes da apresentação desta noite de *Castro*, o Festival de Almada homenageia Rui Mendes, um actor «que não foi feito para desistir» (António Victorino D’Almeida), «que tem em si a arte de descobrir nas pessoas o que as próprias não pensavam ter» (Beatriz Barta), «tão talentoso e discre-

to» (Carmen Dolores), «eterno e sedutor adolescente» (João Lourenço), guiado pela «humildade e pela simplicidade» (João Mota), «um actor como já não há» (Luis Miguel Cintra), «que não cabe em formatos e com uma sensibilidade contemporânea» (Maria Emília Correia), «corajoso cidadão, solidário e inspirador» (Tiago Rodrigues),

capaz de formar e dirigir equipas com brio e delicadeza» (Rodrigo Francisco).

Rui Mendes recebeu o grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito na cerimónia de Abertura desta edição do Festival de Almada, pelas mãos do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Este noite recebe um Quixote – troféu pela carreira.



# Teatro sensorial

Terminámos a primeira semana de Colóquios na Esplanada com o encenador António Pires, numa discussão moderada por Maria João Brilhante sobre as curiosidades por detrás da encenação de *O Mundo é redondo*, um texto invulgar de Gertrude Stein.

A conversa permitiu desmistificar a escrita de Stein, marcadamente sensorial, cheia de aliterações e jogos de palavras com os quais não nos confrontamos todos os dias. Contudo, Pires ressaltou que os seus textos permitem “imensa liberdade”, além de proporcionar “uma experiência muito própria”, capaz de levar os



António Pires e Maria João Brilhante

espectadores para lugares muito íntimos – cada pessoa entende e interpreta à sua maneira.

O encenador fez questão de destacar outros elementos sensoriais que compõem a peça,

como a interpretação cenográfica do texto, que resultou num dispositivo em forma de labirinto que se move e acaba onde começa (como o verso “Rose is a rose is a rose”). **S.P.**

## A tradição de ir ao Teatro Azul



© Luana Santos

Eva Mendes senta-se quase sempre na mesma cadeira da esplanada. Vêmo-la chegar, todos os dias, para os colóquios, e vêmo-la ficar nos dias em que a programação alegre a noite com espectáculos. Aos 20 anos, é a primeira vez que é auto-suficiente para comprar o passe do Festival, algo que não hesitou fazer depois de três meses confinada em casa. O teatro sempre fez parte da sua vida. Como qualquer

bom almadense, sempre soube que “as peças são no Teatro Azul”. Recorda as visitas de estudo com a escola e a primeira vez que viu, aos 16 anos, *A gaivota* de Anton Tchekhov (com encenação de Thomas Ostermeier). O que mais a cativa é ver como os espectáculos têm um lado contemporâneo “mantendo a tragédia ou o diálogo clássico”. Para finalizar, acrescentou: “Acho muito interessante esta reinvenção, a constante mu-

## Passar o rio

Corre o ano de 1997 quando o Festival de Almada acontece pela primeira vez também em Lisboa: Carlos Fragateiro, que então dirigia o Teatro da Trindade, acorda com Joaquim Benite a co-apresentação de *Haciendo Lorca*. Abre-se uma página com desenvolvimentos nos anos seguintes, e o Festival passa a chegar também, em sucessivas edições, às principais salas de teatro lisboetas.

Este movimento pioneiro de união de esforços e recursos entre teatros parceiros tem potenciado a vinda a Portugal de algumas das mais prestigiadas companhias do Mundo. Criou-se uma corrente de espectadores entre as duas margens do Tejo que durante as duas semanas de Julho transitam entre os palcos de Almada e Lisboa.

As colaborações com os teatros lisboetas têm-se criado, al-

ternado e renovado ao longo de mais de duas décadas, ao sabor de possibilidades, sensibilidades, afinidades. Neste ano de excepção, com um calendário atípico e uma programação várias vezes reformulada, foi possível manter uma das parcerias mais antigas do Festival: o Centro Cultural de Belém, com quem já co-apresentámos criações de Luca Ronconi, Philippe Genty, Akram Khan, Alain Platel, Matthias Lan-

### AGENDA DE AMANHÃ

#### TEATRO

15:00 e 19:00  
**Uma solidão demasiado ruidosa**  
Incrível Almadense

16:00  
**Viagem de Inverno**  
Centro Cultural de Belém

16:00  
**Castro**  
Sala Principal do TMJB

16:00  
**By Heart**  
Academia Almadense

18:00 e 22:00  
**Turma de 95**  
Teatro-Estúdio António Assunção

21:30  
**O Mundo é redondo**  
Fórum Romeu Correia

### RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Carapaus fritos com salada russa
- Frango à moda marroquina

AMANHÃ

- Filetes com molho de pickles
- Vitela com passas

tação dos textos antigos. Sei que posso contar sempre com este teatro e com este Festival para ver coisas incríveis”. **S.P.**

### FICHA TÉCNICA

**Direção** Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

